

A ESPERANÇA.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

Redactores diversos.

Anno I.

Desterro, 1 de Agosto de 1867.

N. 5.

A ESPERANÇA.

A lapis.

Um dia disse o governo ao povo : Temos inimigos que macularam nossa honra, temos visinhos que nos ultrajão. E' preciso vingar as offensas recebidas. O desagravo estará na queda do governo que dirige quem nos offendeo.

Correi ás armas, povo ! Salvae a patria!

Nós recompensaremos vossos trabalhos, seremos reconhecidos ao vosso merito : o vosso valor não será olvidado.

Fareis sacrificios que serão remunerados devidamente. — O governo é a justiça.

Correi ás armas, que a patria vos reclama ! Ide colher louros, ide faser-vos respeitados, e quando voltardes que de bençãos vos corôarão a fronte !

— E mais de cem punhados de bravos voão ao campo dos combates.

Mais de cem punhados de brasileiros querem punir com rigor a audacia de quem os insultára.

E abandonão suas lavouras, abandonão suas familias, deixão ao desabrigo seus filhos e o campo da honra em breve é testemunho de seu valor.

Os pais ordenão que os filhos combatão, os filhos tenros pedem que seus pais os defendão.

E o campo se cobre de cohortes brasileiras.

O valer dos modernos Tyrteus é attestado nas luctas homericas que travão e de que cantão victoria.

Nos repelidos recontros defendem-se pensando na familia, attacão ao brado da honra, e abraçados á ideia da patria muitos perecem cobertos de gloriosas e innumerables cicatrizes.

Que sublime epopéia !

Tem ella o entusiastico arrojio e a magestade bellicosa dos grandes feitos.

O Forte de Coimbra serve-lhe de argumento. Cuevas, Riachuelo, Mercedes, 24 de Maio, Curuzu, Curupaity são-lhe os primeiros cantos.

Os designios do governo estão quasi realísados.

Pouco falta para que sua vontade seja satisfeita.

Bem.

Depressa voltarão os vencedores de tantos combates.

Depressa elles virão lançar-se nos braços de suas esposas, abraçarão seus filhos, lançarão a vista por sobre as montanhas de nossa patria, e escutarão o ruido estrepitoso de nossos mares, e se mais de uma alegria hão de gosar, e se mais de um triumpho elles farão o praser alcançar sobre a saudade, tambem não lhes faltarão prantos que verter, nem magoas a lhes encherem de fel o coração.

Sim.... A patria lhes será restituída : o lar ainda nas noites de inverno os poderá aquecer : haverá para elles o mesmo socego na familia, a mesma doçura nos filhos, o mesmo carinho nas esposas ; porém cada vez que tenham de contar seus feitos será entre lagrymas amargas quanto doces forão os brados de victoria no campo contra os inimigos....

E porque será entre lagrymas ?

Porque da ingratição dos governos é que se formão as corôas de gloria que cingem a fronte dos heróes que triumphão em prol da patria : — só Cesar, porque foi Cesar, senhor do senado, do povo, e protegido pela fortuna, teve as honras do triumpho durante quatro dias consecutivos na cidade de Roma, que por seus senadores o appellidou — *pae da patria*.

Os outros heroes, os nossos, abraçando-se á familia soffrem com a resignação de Germanico a ingratição que não lhes devera ser premio.

Panorama.

Cheguei ao alto do morro da Lagoa quando começavam a bruxolear no céu as nuvens rosadas precursoras do dia. A meus olhos se-desinrolava um d'esses painéis gigantescos e sublimes que talvez se-incontrem só em terras do Brasil.

Parei para admirar a brilhante perspectiva.

Que via eu d'alli?

— Por cima de mim, por cima de toda a criação, um céu diaphano e puro com uns longes de ouro e purpura do lado do oriente. A meus pés, a estrada que se desprendia sinuosa e longa como serpente enorme das éras que passaram. *

'Num plano inferior, a egrejinha—silenciosa como candida prece que se-eleva de alma de virgem para subir até Deos. E a casa da oração modesta e simples como deve ser, e o-requerem os pensamentos de verdadeira religião, porque não é entre pompas e luxo, entre lantejoulas e ouro-pelles, que se elles originam, se-desenvolvem e se-remontam a Deos.—

Adiante, de todos os lados, veem-se lindas casinhas aprazivelmente situadas, e meio occultas entre cafezeiros e folhudas laranjeiras. De redór já homens e mulheres caminham em varias direcções; já uma multidão de aves domesticas cucuricam e grasnam; já innumerous passarinhos saúdam com seus modulados cantares o novo dia.

Mais além, um grande numero de atalhos se cruzam formando entre si trapezios e rectangulos cultivados, onde se-ostentam verdejantes plantações de canna, de mandioca e de milho, productos principaes da industria agricola, e fonte de riqueza do Brasil.

Depois, 'num plano mais baixo destaca-se a lagôa esplendidamente serena extendida no molle desalinho de seu lençol de esmeraldas e saphyras, com seu caes de pedra e sua ponte de madeira, com algumas canôas que passam como cysnes negros em transparente regato.

Dó outro lado d'ella, á mão direita, uma longa fileira de cômoros alvejantes, que

* A comparação não é sem motivo, porque, quando alli estive a admirar aquelle quadro, a estrada se-me-figurou aquella prodigiosa serpente que Attilio Régulo incontrou na Africa, e que muitos soldados do seu exercito devorou.

Para mactal-a foi mistér que Régulo movesse contra ella as suas legiões, e lhe-desse um ataque formal com balistas e catapultas, como si estivesse procurando derrocar os muros de Clypea ou de Carthago.

projectam a sombra duvidosa no espelho tranquillo das aguas que se-desdobram mansamente á sua base; e essa sombra, que parece fugir da praia, faz lembrar a Nebulosa coroada de jasmims a deslizar-se ligeira e subtil pela superficie das aguas.

Para lá da lagôa, estende-se uma cadêa de montes que nos-interceptam a vista do Atlantico, do Atlantico que nas dobras de suas ondas negras vai confundir-se com o céu na extrema do horizonte.

— Quadro sublime e poetico, obra esplendida do Creador, eu te-admiro, eu te-saúdo!— foram as phrases que 'naquella occasião se-me-elevaram da alma.—

Para descrever aquella scena imponente e magestosa fôra mistér a inspiração de Macedo sempre abundante de descripções, fôra mistér a imaginação de Porto Alegre, porque alli—'naquellas casinhas isoladas, 'naquella lagôa tranquilla, 'naquelles cômoros brancos, 'naquelles montes cobertos de vegetação robusta e secular—se-resume o verdadeiro bello, o verdadeiro sublime, o verdadeiro poetico.

Tudo alli respira a poesia que se-sente e que senão pode dizer, a poesia que não carece do atavio dos versos, a poesia da criação, a poesia de tacitos louvores a DEUS.

Nunesio.

**Progresso das Sciencias Naturaes.**

CUVIER.

A historia natural é reconhecida como uma sciencia cujo fim é empregar as leis geraes da mecanica, da physica, e da chimica, na explicação dos phenomenos particulares que manifestão os diversos corpos da natureza.

A athmósphera e sua composição, os meteoros, as aguas, seus movimentos e o que ellas contem; os diversos mineraes, sua posição reciproca, sua origem; as formas exteriores dos vegetaes e dos animaes, os movimentos que constituem as funcções de sua vida, sua acção mutua para suster a ordem e harmonia da superficie do Globo, eis ahi o que o naturalista deve contar e explicar.

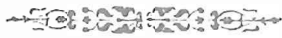
Quando elle caracteriza ou analysa os mineraes, chama-se *mineralogista*; se explica sua situação e sua formação, chama-se *geologo*; se descreve e classifica os vegetaes ou os animaes, toma o titulo de *bota-*

nico ou zoologo ; se os dissecar, de anatomista ; de physiologista, quando procura determinar os phenomenos da vida e fixar as suas leis.

Nenhum dos ramos da historia natural póde affastar-se inteiramente dos outros, e menos ainda da physica e da chimica.

Debalde quererão agora classificar os mineraes sem os analysar chimicamente e mechanicamente ou os animaes, sem conhecer sua construcção intima e as funcções de seus orgãos : o physiologista que não abraçasse nas suas meditações os phenomenos da vida das plantas e de todos os animaes se perderia depressa em conjecturas illusórias.

Trad. por Costa Junior



○ PAI CRUEL.

JOÃO BOCCACIO.

Tancredo, príncipe de Salerno seria olhado como o soberano mais elemento e humano, se, em sua velhice, não lvesse manchado suas mãos em seu proprio sangue. Tinha este príncipe de seu casamento uma só filha, que desejára, por sua gloria não tel-a dado a luz. Amava-a elle tão excessivamente, e com tanto extremo, que achava grande difficuldade em se determinar á casar-a, posto que ella já tivesse passado da nubilidade. Emfim, deo-a ao filho do duque de Capua ; porcm tendo este fallecido quasi logo depois do casamento, vio-se obrigada a filha de Tancredo á voltar para a casa de seu pai. Esta princeza, que se chamava Sigismunda era jóven, linda, prazenteira, amavel quanto se póde ser, de um espirito superior, e talvez demasiado para uma mulher. Seu pai que a amava com muito ardor, e tinha tdo difficuldade em casar-a, não fallou-lhe em segundo casamento. Ella no entretanto tinha necessidade de um marido ; porem não julgou conveniente pedir-lh'o. Para reparar esta dura privação, resolveo escolher secretamente um amante honesto e discreto. Depois de ter lançado as vistas sobre todos os homens que se achavão na córte de seu pai, não achou um que lhe agradasse mais do que Guichard, simples cortezão, e de baixa linhagem, mas que tinha, em compensação, virtude, merito, e nobreza de sentimentos, qualidades que a princeza preferio ao mais illustre nascimento. Como tivesse occasião de vê-lo muitas vezes, e não lhe sendo necessario mais que um olhar para conhecer um homem até o intimo d'alma, tornou-se em pouco tempo tão apaixonada, que não podia deixar de louvar em publico suas excellentes qualidades. O mancebo que era experimentado, conheceo facilmente que a princeza tinha-lhe afeição, e não tardou em sentir por ella o fogo de um amor terno e apaixonado. Não

sonhava elle senão com o seu merito, e sua belleza, sua imagem o acompanhava por toda a parte, até no somno.

Emquanto assim abrasavão-se aquelles corações, sem que elles o pudessem dizer, senão pelos seus olhares, a princeza, que a ninguem queria por confidente ; porém que desejava ter uma entrevista com o objecto de suas afeições, recorreo á um estratagema, á fim de indicar-lhe os meios. Escreveo-lhe uma carta, em que lhe disia tudo o que devia fazer, para que se achassem juntos ; e pondo esta no canudo de uma canna, deu-a á Guichard, dizendo : Eis-aqui para vossa criada, ella poderá fazer d'ahi um folles para accender o fogo. Elle recebeu-a, certo de que não lhe tinha sido dada sem intenção occulta. De volta para casa, foi examinal-a o mais depressa possivel. Repara que está rachada, abre-a com cuidado, encontra uma carta que lê, e relê ; e estando bem certo do seu conteúdo, com o coração transbordando de prazer, se dispõe a pôr em pratica os meios, que lhe indicava a moça, para vê-la em segredo.

N'um dos cantos do palacio havia um antiga cava, feita no rochedo ; onde se via um respiradouro, que servia para ahi dar claridade. Como estava desde muito abandonada, o respiradouro estava quasi tapado pelas sarças, e espinhos que linhão nascido ao redor. Podia-se descer ahi por uma escada secreta, que dava para o quarto da princeza ; mas esta escada era de tão pouca serventia, que ninguem d'ella se lembrava. O amor que tudo descobre fez d'ella lembrar-se Sigismunda, que logo se esforçou para abrir a porta desta cava. D'isso se occupou secretamente muitos dias ; e depois de ter conseguido o seu fim, com extremo cuidado visitou este subterraneo, notou o respiradouro, mediu-lhe a altura ; e vendo que sua amante poderia descer por este buraco, tomou então o partido de escrever-lhe para lh'o fazer saber.

O amoroso Guichard, informado pela carta de sua amada, da profundidade da cava, munio-se de uma corda grossa e cheia de nós, para poder ahi descer e subir, e de um capote de couro para livrar-se dos espinhos, e, na noite seguinte, apresentou-se no lugar indicado. Sem novidade alguma desceo ahi, depois de ter atado a corda á um tronco de arvore, crescida muito á propósito quasi na abertura do respiradouro. Ahi passou elle o resto da noite, e a manhã á esperar por sua amante. Esta, fingindo querer dormir a sêsta, dispersou suas damas-de-honor, e vendo-se só, desceo em seguida á cava, onde achou Guichard muito impaciente de sua chegada. Ella o acolheo da maneira a mais graciosa e terna, e o conduzio logo depois á sua camara, em que passarão muitas horas nos prazeres que o amor faculta. Depois de haver tomado medidas para se verem d'ahi em diante da mesma maneira, a princeza reconduzio seu amante á cava, fechou a porta, e foi procurar suas damas. Na noite seguinte sahio Guichard da caverna, pelo mes-

mo caminho que tinha vindo, e foi para casa mui satisfeito.

E-tes dous amantes vião-se muitas vezes, mas não tantas quantas desejavão. Seus prazeres erão tão deliciosos, que o constrangimento, e o martyrio estavão longe d'elles; a fortuna porem zelosa, mudou em pranto o objecto de suas alegrias. O principe ia algumas vezes sem séquito á camara de sua filha para com ella conversar. Foi elle ahi, um dia, depois de jantar, em quanto ella estava no jardim com suas damas-de-honor, e não foi visto, nem ouvido por ninguem. Não querendo interromper o recreio da princeza, e achando as janellas da camara fechadas, e corridas as cortinas da cama, sentou-se esperando, n'um coxim, com a cabeça encostada no leito, e com o cortinado sobre elle, como se se quizesse esconder. Logo depois adormeceu n'esta posição. Sigismunda sabendo que seu amante estava no lugar assignalado, impaciente de saltar-o, se escapa da companhia, tira-o da sua prisão, e o conduz á sua camara, onde, sem nenhuma desconfiança, sentão-se ambos no leito, como de ordinario. Depois de ter dormido algum tempo, Tancredo se despertou. Ouvio movimentos, e suspiros, que lhe causarão grande admiração, como se pôde imaginar. Quando vio o que era, no primeiro accesso de colera teve vontade de chamar gente; mas conteve-se julgando mais prudente calar-se, e ficar occulto, á fim de poder vingar esta injuria mais secretamente, e com menos vergonha para si, e para sua filha. Os amantes, depois de estarem junctos por muito tempo, segundo seu costume, separarão-se, sem que tivéssem percebido o principe.

F. Paulino.

(Continúa.)

A LAVOURA.

Entre as artes, de que nos occupamos para nossa subsistencia, uma ha entre todas que sobresahe e tem a primasia—a do lavrador.

Esta sobresahe e tem uma excellencia, que a torna muito sublime, é o ter sido ensinada pelo proprio Deus, e contar sua existencia desde o principio do mundo.

—A lavoura sendo uma arte necessaria merece todo o cuidado, e nossa obrigação intelligente.

A natureza com o trabalho das terras tem um aspecto formoso, apresentando seus vales e suas montanhas todas cobertas de um viço luzente, que suavisa e torna mais puro o ar que respiramos.

E' n'este estado e não abandonada, como desgraçadamente vemos grande parte das nossas terras que a natureza se torna nossa mãe temporal, e com abundancia nos dá seus fructos e flôres, como agradecida pelo trabalho do homem.

—E' somente assim fructificando e cheia de viço a natureza que a arvore da vida, se sustendo por ella, progride e auxilia até o espirito.

Um campo com a verdura resplendente servindo de pasto à um certo numero de gados, um lavrador se encaminhando para o trabalho da sua lavoura, com o canto nos labios, feliz e contemplando os primeiros raios do dia, que começa envolto na luz da madrugada—são o quadro terrestre, muitas vezes divino que o coração mesmo venturoso inveja, o abraça e segue sorrindo essa vida solitaria como o canto do dia lá nas alturas do horizonte.

O lavrador é o entefeliz. O pranto, que tantas vezes sorprehe as cidades pela deshumanidade, intriga ou odio dos homens, lá na sua cabana, cercado do silencio da floresta, vendo á cada instante o visinho que não murmura queixas contra elle, vendo o céo lhe mandando o orvalho às suas plantações, sorrindo às flôres, se alegrando com as aves—vive satisfeito, e tem sempre o coração venturoso para dar um abraço nos filhinhos ou chamar a si a esposa e repetir-lhe seus affagos de amizade.

O lavrador além de um ar puro que sempre gosa, de um encanto sem igual quando caminha para o trabalho, tem a tranquillidade de uma vida longe do mundo, distante das cidades, cujos telhados sombrêam as ruas como significando um sitio de sombras.

O lavrador tem ao mesmo tempo o proveito para o espirito, o util para o corpo e o agradável a vista; na comprehensão que elle tira, quando vae ás plantações, vê e fica absorto diante da semente que germina, se acha o proveito para a alma; na força, no vigor e sustento, que tirão todos do producto colhido, está o que disemos util para o corpo; e emfim no praser, no gosto, que resulta da ordem e da belleza, em que se acha a plantação, está o agradável a vista, o desejo dos olhos, que tambem chamamos paraíso, porque a mansão nos fará extranhos á maldade e este quadro, transbordando de luz se nos apresenta tão bello, que na verdade parece riscar o passado e nos traser somente o presente, a natureza, e Deus.

Nenhuma outra arte excéde a lavoura. Esta tem a primazia entre todas, por isso que ella reúne o proveitoso, o util e o agradável.

ELEMENTOS
DE
VERSIFICAÇÃO PORTUGUEZA.
POR

Eduardo Nunes Dias.

CAPÍTULO III.
Das differentes espécies de versos.

Continuação do n. 4.

§ 8.º Versos de 9 syllabas.

1.ª VARIEDADE.

Chamam-se os d'esta variedade *Gregorianos*, ou de Gregorio de Mattos, nome de seu inventor. Cáem os seus accentos na terceira, na sexta e nona syllabas.

EXEMPLOS.

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Mas	Tabyra	!	Tabyra	!	que	é	d'elle	?
Onde	agora	se	escônde	o	pujante	?		
Não	n'ó	vêdes	?—	Tabyra	é	aquelle		
Que	sangrênto,	impiedôso	lá	vã.				

(Gonçalves Dias.)

2.ª VARIEDADE.

Estes versos tem os accentos predominantés nas syllabas quarta e nona.

EXEMPLO.

1	2	3	4	5	6	7	8	9
Desce	a	meus	gritos,	inspira,	inspira-me			
Queixôsas	nênias,	funebres	cânticos.					

(Bocage.)

NOTA.

Os versos de nove syllabas da segunda variedade compõem-se de dous de quatro, sendo sempre grave o primeiro:

4	4
Desce	a
Queixôsas	nênias
inspira,	inspira-me
funebres	cânticos.

Estes versos, tendo o segundo hemistichio * esdrúxulo (como os do exemplo, podem seguramente chamar-se *Alcaicos*, como o-fizeram Bocage e Garção nas odes em que os-impregaram.

Nas artes dos Srs. Castilho e Freire de Carvalho não se-incontra exemplo d'estes versos, não obstante serem já usados em Portuguez; encontra-se porém exemplo na Arte de D. Luis da Mata y Araújo, que nenhum nome lhes-dá.

Observação.—Para que uma ode alcaica portugueza se-assimelhe na forma ás odes latinas do mesmo nome, convém que a dois versos alcaicos siga logo um de oito syllabas da primeira variedade, e um de 9 da segunda, sendo porém graves os dois ultimos. Bocage e Garção não practicaram assim, porque a dois alcaicos ajuntaram dois heroicos quebrados, sendo grave o primeiro e esdrúxulo o segundo.

Ahi vai um exemplo meu * (perdôem-me) do

* Hemistichio é a metade de um verso.

* Extrahido de uma ode que dirigi ao Sr. Franc de Paulicá M. de Carvalhos.

modo de formar a estrophe, segundo indiquei acima:

E emtanto ao Vate, que em Pario mármore
Devêra ind'hoje ser visto em Lysia,
Jamais se-ergueu um monumento
Que o alto ingenho nos-relembresse.

Vou comparar versos portuguezes com alguns latinos para dar mais peso á minha opinião. Em vez de estrophe inteira, escolhi versos de differentes odes, em que, os que não intendem o Latim, possam facilmente conhecer a analogia que ha nas duas linguas acerca d'este metro.

Verso alcaico portuguez:

Queixô-as nê | nias | fúnebres | cânticos

Alcaico Latino:

Virtus repul | sœ | néscia sórdidœ.
(Horat., lib. III, ode 2.)

Verso portuguez de 8 syllabas:

Jamais se ergueu | um monumén | to.

Archilochio jambico latino:

Portasque nôn | clausas et ár | va.
(Id., lib. III, ode 3.)

Verso portuguez de 9 syllabas:

Que o alto ingenho | nos-relembresse.

Dactylico trochaico latino:

Stésichorique | graves Camenæ.
(Id., lib. IV, ode 9)

§ 9.º Versos de 10 syllabas.

1.ª VARIEDADE.

Chamam-se *Decasyllabos heroicos*, ou sómente *Heroicos*. Tem os accentos obrigados na sexta e na decima syllabas.

Exemplos de AA. antigos:

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Logrâe	do	Têjo	o	plácido	aído				
Sós	logrâe	estas	vêigas	florecidas					
Pois	se	pêrde	o	pastôr	vosso	querido,			
Não	gostêis	de	com	êlle	sêr	perdidás.			

(Camões, Elegia VII.)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Não	se	vejão	mais	lágrimas	aqui,				
Salvo	as	que	por	nós	fôrem,	q' taes	trêvas,		
Em	tão	cêga	prisão	deixaste	assi.				

(Sá de Miranda, Eleg. II.)

Exs. de AA. modernos e contemporaneos:

E entre tântas emprêzas singulâres
Diga o mundo qual hé mais gloriôso,
Se dêr á terra lêis, se freio aos mares.
(Joré Basilio da Gama, Son.)

N'uma clâra manhã de primavera,
Entre as flôres nascêo de um prado amêno
Lêda, subtil, pintada borbolêta.
Deu seu lindo matiz invêja ás flôres,
Suas ázas aos zéphyros invêja.
(A. F. de Castilho, Echo e Narc., Carta X)

Quanto me apráz a egrégia heroicidade
Do illustrado varão, que não movido,
Mil perigos, e a morte asoberbãnde,
Todo se sacrifica a bem dos homens!
Que premio a tanto amor reserva o mundo?...
(Dr. Magalhães, *Conf. dos Tam.*, C. X.)

2.ª VARIEDADE.

Os versos d'esta segunda variedade chamam-se *decasyllabos sapphicos*, ou somente *Sapphicos*, do nome da poetiza grega que os inventou. Teem accentuadas as syllabas quarta, oitava e décima.

EXEMPLO :

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
O pobre monge, que, de pé descalço,
d'um mundo falso os ardes percorre,
quando lhe entregam do martyrio a palma,
às flores d'alma se encommenda, e morre.
[Thomaz Ribeiro, *D. Jayme*, C. II.]

NOTA.

Os versos decasyllabos heroicos são tanto mais sonoros, quanto, além da sexta e da décima, mais syllabas accentuadas teem. Podem elles ter accentuadas a 2.^a, 4.^a, 6.^a, 8.^a, e 10.^a; ou 3.^a, 6.^a, 8.^a, e 10.^a; ou 2.^a, 6.^a, 8.^a, e 10.^a; ou 3.^a, 6.^a, e 10.^a.

EXEMPLOS :

Porém nem tudo escónde, nem descobre
O véo, de róxos lyrios pouco aváro.
(Camões, *Lus*, C. II, 37.)

Que prêmio a tanto amor reserva o mundo?
(Magalhães.)

O castello feudal pernôita em festa
Na margem negra do espaçoso lago.
(A. F. de Castilho, *Noite do Cast.*, C. I.)

Este ultimo verso é sapphico, e os sapphicos, além dos accents obrigados, só podem admittir um na primeira ou na segunda syllaba.

Convem aqui observar que, não só nos versos heroicos, mas tambem nos de cinco, de septe, de doze, e de treze syllabas, se deve variar a posição dos accents que não forem obrigados, procurando sempre a maior suavidade e fluencia.

Nos Poetas antigos se-incontram muitos versos decasyllabos com accents na 4.^a e na 7.^a syllabas, Ex.

4 7
E ás cousas grandes pequenas ajudam.
Antonio Ferreira, *Epist.*)
Assim medem os Francezes este verso, como se vê neste ex.

4 7
La voix d'Egil allumait le courage ;
Chacun répond par le cri du carnage.
(Parny, *Isnel*, C. III.)
(Continua.)

Poesias.

Ao trovador.

Quando murmura em silencio
A onda na praia nua,
Porque, ó bardo, tristonho
Edmentas a sina tua ?

Quem te disse que a florinha
Cheia de viço e de amor,
Scismando no ameno valle,
Não sorria ao trovador ?
—Vibra tua lyra sonora
Harmonioso cantor,
Que é doce, bem doce ouvir,
Teos cantos, ó trovador.

Deixa as scismas temerarias
Em que te enlaças tristonho;
Não mates os brancos lyrios
De teu presente risonho.

Deixa infundados receios,
Lê teu lyro de harmonia ;
A' Deos pertencem destinos,
Aos anjos a melodia.
—Vibra tua lyra sonora
Harmonioso cantor,
Que é doce, bem doce ouvir
Teos cantos; ó trovador.

Não fites assim tão triste
O teu poema de amor,
Que está bem longe a descrença
De teu viver seductor.

Não scismes mais no silencio
Da noite calada e fria,
Que teu porvir jubiloso
Desponta na poesia.
—Vibra tua lyra sonora,
Harmonioso cantor,
Que é doce, bem doce ouvir
Teos cantos, ó trovador.

Da juventude pfanosa
Se abrem as aureas portas,
E as esperanças não podem
Por terra cair já mortas.

Deixa infundados receios,
Lê teu lyro de harmonia,
— A Deos pertencem destinos,
Aos anjos a melodia.
—Vibra tua lyra sonora,
Harmonioso cantor,
Que é doce, bem doce ouvir,
Teos cantos, ó trovador.

A violeta descora
Se a briza passa por ella,
Desmaia se a beija um raio
Da lua meiga e singela,

Porem ouvindo teos carmes
Exulta no prido ameno;
Pois é a nota que vibras
Sidereo, queixoso threno.
—Vibra tua lyra sonora,
Harmonioso cantor,
Que é doce, bem doce ouvir,
Teos cantos, ó trovador.

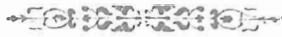
Julia Maria da Costa.

A BORBOLETA.

(LAMARTINE.)

Nascer formosa quando nascem flôres
E com ellas morrer saudosa e linda;
Ir vêr nas azas puras do Favonio,
Alem as regiões bellas, formosas;
Ir ás flôres libar seu mel, seus risos,
S'enlevando de luz, do céo, perfumes;
Inda joven, tão cedo sacudindo
Das azas suas o que afeia . . . indo
A's eternas mansões por seus adejos :
Eis, pois, da borboleta o seu destino !
Assemelha-se assim á um desejo,
O qual tocando em tudo sem fartar-se,
Torna em fim aos céos á achar delicias.

Alfredo T. da Costa.



M. A. R. C.

Porque

Minha lyra desditosa,
Empobrecida de mais,
Seus accordes são lamentos,
Tristes sons, pungentes ais.

Porque tão pobre inda vivo ?
Desgraçado—porque amei ?
Estas dores que me cercão,
D'onde nascidas não sei,
Vão meu corpo definhando...
A soffrer me accostumei.

Accostumei-me ao martyrio,
Embora seja qual flor ;
Penetre n'alma, no peito,
No coração, no amor,
Eu tudo soffro constante,
Bem si me vivo na dor.

Me queixo ás vezes da sorte
Ante meu triste viver—
Isso, por ser impossivel
Ter-se dor sem se gemer,
E n'esta dor tão constante
Serenamente espero morrer.

Ainda na flor dos annos
Deixei a patria querida,
Minha mãe tão desvelada,
Minha irmã recém-nascida ;
Partiu-se assim a minh'alma,
Estalou-se a minha vida...

Parti, meu Deus !—e por guia
Deu-me o fado a desventura,
Procurei prazer e gozo,
Deparei com a tortura,
E na desgraça faltou-me
De minha mãe a ternura.

Então que golpes, que angustias
A minh'alma supportou,
E vestida de tormentos
Embalde um anjo invocou :

Minha mãe era esse anjo
Que o pobre filho chamou.
Assim envello em tormento
Ousei chamar uma esp'rança ;
Olhei o céu e pedi-lhe
P'ra a minha sorte mudança ;
Mas elle foi insensivel,
—Era cedo p'r'a bonança....

Os desgostos continuão,
Cada dia nova dor,
Cada hora um incidente,
Cada instante um dissabor,
E n'esse mar afflictivo
Conheci por fim amor.

E esse amor invencivel
Vindo a mim appressurado,
Ateia um fogo em minh'alma
Que jamais vi apagado...
Foi uma bala certa
Em meu peito de soldado.

Foi assim que o meu destino
Ao mando do eterno Deus
Prendeu meus tristes affectos
Aos encantos que erão teus ;
E como vi teus suspiros
Inseparaveis dos meus.

Ninguem mais compadecido
Me veio a dor minorar ;
Ouvi as fibras d'esta alma
Uma a uma se estolar,
E n'essa crise de dores
Accostumei-me a penar.

Quando a dor é mais aguda,
Mais agudo é meu gemido
É meu martyrio profundo
Me rouba, Deus ! o sentido ;
Minha mãe—afflicto brado—
Me salva, ó anjo querido !

E minha mãe não me ouve
Que é bem distante de mim :
Tanta dor, tanto tormento,
Tanta descrença, por fim
O' céus, nasci condemnado
A viver—morrer assim !...

J. Ribeiro de Carvalho.



Queixumes.

Meu peito sentiu baque estremecido
No começo da vida e dos amores
A paixão definiu-me pouco e pouco...
Morri... chorei... vivi...murchou-me as flores.

Pobre de mim ! amargurado bardo !
Na terra vivo eu tão exilado...
Si peço a virgem lenitivo ás dores...
O echo me responde : és despresado !

Sou pobre... tenho alma e de poeta...
Na lyra canto mutilados threnos !
Ai de mim ! ai de mim ! quanto foi bella !
A infancia em que gozei dias serenos !

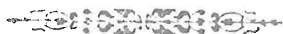
São pobre... sou mendigo dos amores...
Myrrhado sonho me devora a mente!
Coitado de quem vive sem esp'rança
De gozar neste mundo amor somente!

Baldado é meu desejo: tem orgulho
Esse archânjo, meu Deus, que sofrimento!
E' vida—sonho, é flôr que o vento arroja
No abysmo fatal do esquecimento.

Sou ente desprezo-lo, ouro não tenho!
Me adorna o coração santa virtude...
Meu estro aviva a dor que roe meu peito
Rebenta uma per uma as cordas rude!

Queixume é minha vida, é meus amores,
Queixume é minha fada, anjo fagueiro!
Por ella dou meus dias—meu futuro—
Meu constante sonhar tão feliceiro!

Marlins Costa.



Amor.

Et l'ombre, et le soleil, et l'onde, et la verdure,
Et les rayonnements de toute la nature,
L'assent épanouir comme une double fleur
La beauté sur ton front, et l'amour dans ton cœur!

Victor Hugo.

Amor—murmura na passagem rapida
A doce brisa á campesina flôr!
A rosa treme, mas dobrando o calice
Responde á brisa suspirando amor,

Amor, na selva—se manhã esplendida
Desdobra o manto de eternal fulgor—
O noivo á rola diz em casto cantico
Responde a rola suspirando amor.

Amor no prado diz a aragem tímida
Beijando as aguas da lagoa á flôr!
Tremem as aguas mas n'um doce extasis
A' doce aragem dizem rindo amor!

Amor da noite no feral silencio
Dizem os astros no gentil fulgor,
E as nuvens bellas com praser volvendo-se
Aos astros dizem suspirando amor!

Amor nos ermos do oceano indomito
Dizem as vagas no bramir de horror!
E lá nas praias dentre as rochas petreas
Responde o echo suspirando amor!

Amor á tarde diz a fonte nitida
Se a urura n'ella vae buscar frescor!
A urura treme e se volvendo rapida
Responde á fonte suspirando amor!

Amor a relva se tornando florida
Ao rio diz—ao lhe pedir frescôr.
O rio para e n'um fugaz murmurio
Responde á relva suspirando amor!

Amor as notas que no ar espalhão-se
Da flauta dizem á dos ermos flôr!
E a camponesa ao descerrar dos labios
A seu amante vae fallar de amor!

Amor é o cantico bello
Que a natureza murmura
Quando á noite alem fulgura
A lua no azul dos céos!
Amor é o canto innocente
Que sorrindo de contente
Diz á criança indolente
A mãe nos affagos seus!

Amor murmura a velhice
Recordando o seu passado!
O tempo que circundado
Vê de praser e de luz!
O ancião que se cança
Perdida a ultima esp'rança
Se amor murmura—bonança—
Nos olhos tibios reluz!

E tu, virgem se descejas
Um porvir pleno de goso
Repete o canto mimoso
Que murmurão terra e céos!
Repete-o que terás n'alma
Dá ventura a verde palma,
E sentirás doce calma
Affagar os sonhos teus!

El.



Problema.

Um sujeito tinha um certo numero de moedas: dessas moedas deu elle a um pobre metade mais tres; do resto deu a outro pobre metade mais duas, e do que ainda lhe restou deu metade mais duas a um terceiro pobre: querendo então ver quantas moedas ainda tinha, mais nenhuma achou. Quantas moedas tinha elle ao principio?

X.



Charada.

Sou da escala a primeira	
E de um verbo tambem voz	1
Eu ando sempre batendo	
Ora lento, ora veloz.	1
Sempre fui e ainda sou	
Pequeno, amphibio animal	1
Esta agora encontrareis	
N'alguma farça sem sal.	1

CONCEITO.

O que sou? Uma virtude
Muito util á humanidade
E que só nos póde dar
De Christo Deus a bondade.

A. T. da Costa.